

PARTICIPAÇÃO PATERNA NO CUIDADO AO FILHO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

THALINE JAQUES RODRIGUES; ANANDA ROSA BORGES²; TUIZE DAMÉ HENSE³; JADE ORNELAS DE OLIVEIRA⁴; VIVIANE MARTEN MILBRATH⁵; RUTH IRMGARD BÄRTSCHI GABATZ⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – thalinejaquer@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anandarborges@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tuize_@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – jadeornelasoliveira@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – martenmilbrathviviane@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – r.gabatz@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os lactentes representam a máxima vulnerabilidade humana, exigindo cuidados que garantam seu desenvolvimento saudável. Cabe aos cuidadores favorecer a construção da subjetividade infantil, promovendo autonomia e identidade (MELO *et al.*, 2020). Historicamente o cuidado esteve majoritariamente sob responsabilidade das mulheres, entretanto, nas últimas décadas observa-se uma transformação no papel paterno. Antes restrito ao provimento financeiro pelo modelo patriarcal, o pai hoje se envolve mais no cuidado ao filho, por exemplo, participando da higiene, alimentação e educação (MATHIOLLI *et al.*, 2020).

Diante dessa transformação, o Ministério da Saúde implementou em 2009 a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem com o objetivo de melhorar a saúde masculina e reduzir a morbimortalidade. Entre seus eixos, destaca-se a paternidade, incentivando o envolvimento do homem durante a gestação e nos cuidados com o filho (BRASIL, 2018). Esse processo é influenciado por aprendizagens, crenças e valores culturais, sendo construído nas relações do pai consigo mesmo, com a parceira, o bebê e o ambiente (LEININGER, 1988; AGUIAR; LIMA, 2020).

Essa mudança também se reflete nas pesquisas sobre paternidade no Brasil que vêm se intensificando, contudo, apesar do avanço e crescente interesse na temática, ainda são escassos os estudos que abordem o cuidado paterno e suas experiências (BROCCHI, 2022). A paternidade envolve a aquisição de habilidades essenciais para cuidar dos filhos, permitindo aos pais atuarem com autonomia e confiança no ambiente familiar. Para desempenhar um papel ativo, é fundamental estarem envolvidos desde a gestação, parto e puerpério. No entanto, a participação paterna ainda enfrenta desafios, muitas vezes relacionados às experiências vividas como homem (RESTA DAL-ROSSO *et al.*, 2019; CARVALHO *et al.*, 2015).

Quando existe a necessidade do bebê ficar hospitalizado na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), o pai passa por um período desafiador e muitas vezes inesperado. Esse momento pode gerar emoções complexas como angústia, medo e culpa (VERÇOSA, 2021; AFONSO, CASTRO, FRANCISCO, 2021; SILVA *et al.*, 2021). Porém, ainda existem poucos estudos que reflitam o envolvimento paterno no cuidado. Com o intuito de valorizar as experiências ainda pouco exploradas pela pesquisa, este estudo tem como objetivo compreender a participação paterna no cuidado ao filho hospitalizado na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Impacto de crenças e experiências no cuidado de pais que tiveram seus filhos hospitalizados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa de abordagem qualitativa realizada com 14 pais (homens) de lactentes que estiveram hospitalizados na UTIN no período de junho de 2022 a março de 2024 em um Hospital Escola, localizado na região sul do Rio Grande do Sul.

Adotou-se como critérios de inclusão: ser pai de bebê que foi hospitalizado na UTIN por pelo menos sete dias, ser maior de 18 anos, e possuir acesso à internet. Como critério de exclusão: não conviver com o filho, ser pai de bebê com mais de 24 meses, pai que o bebê permanecesse internado e pai de bebê que tivesse ido à óbito durante ou após a hospitalização.

A coleta de dados ocorreu entre maio e agosto de 2024, sendo que inicialmente foi feita uma busca documental e posteriormente foram realizadas as entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas foram audiogravadas, transcritas na íntegra, realizada a dupla checagem, validada pelos participantes e inseridas no software WebQDA para organização e categorização das informações. Ademais, como ferramenta complementar foi utilizado o genograma e ecomapa. Para análise foi utilizada a análise temática descrita por Braun *et al.* (2019), sendo os resultados interpretados com base na Teoria Transcultural de Madeleine Leininger.

Foram respeitados os princípios éticos descritos na Resolução 466/2012. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número do parecer 6.790.398.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a hospitalização do bebê na UTIN, os pais relataram sentimentos de medo, angústia e impotência, principalmente diante da fragilidade do lactente, da presença de equipamentos e da imprevisibilidade do quadro clínico. Esses resultados vão ao encontro de estudos que mostram que a experiência inicial pode ser vivida como um choque, exigindo que o pai ressignifique suas expectativas sobre o bebê e seu papel na família (FETZNER; MACHADO; PEREIRA, 2021; FRANTZ; DONELLI, 2022).

Os resultados apontam que a divisão das tarefas no cuidado ainda reflete modelos tradicionais de gênero, em que o pai é culturalmente associado ao papel de provedor financeiro e afastado do cuidado direto com o filho. Essa perspectiva limita a compreensão integral do cuidado infantil e contribui para a manutenção de desigualdades, além de invisibilizar a experiência paterna. Estudo aponta que uma divisão mais igualitária entre os papéis materno e paterno favorece o cuidado integral ao lactente e contribui para desconstruir a visão cultural de que o homem é incapaz de cuidar (SANTANA BATISTA *et al.*, 2021).

Complementarmente, a ausência da voz dos pais em pesquisas sobre o cuidado ao filho ainda gera uma lacuna no conhecimento, reforçando a necessidade de ampliar investigações que incluam suas percepções e práticas. Os resultados apontam que a dimensão cultural ainda atribui o cuidado infantil predominantemente à figura materna, o que acaba por invisibilizar a participação paterna e o homem tende a exercer um papel secundário. Tal fato, reforça a necessidade de estratégias que incentivem a paternidade ativa (AFONSO; FRANCISCO; CASTRO, 2021). Ademais, a construção social repercute tanto nas práticas assistenciais quanto na produção científica uma vez que a maioria dos

estudos privilegia a perspectiva materna, deixando de fora a experiência dos pais. Essa exclusão, refletida inclusive no estranhamento de um participante ao ser convidado a relatar suas vivências, evidencia uma lacuna significativa no conhecimento, pois limita a compreensão integral sobre o cuidado parental.

Nesse sentido, incluir a voz paterna nas pesquisas e nas práticas de saúde é fundamental para favorecer uma corresponsabilidade mais equitativa entre mãe e pai. Estudo de Aquino *et al.* (2024) aponta que a criação de espaços de escuta e acolhimento voltados aos pais contribui para o fortalecimento de uma nova identidade paterna, ampliando a participação do homem no processo de cuidado e no vínculo com o filho. Com isso, a valorização da experiência paterna não apenas preenche uma lacuna científica, mas também subsidia a construção de práticas de cuidado mais inclusivas capazes de integrar os diferentes olhares e potencializar o desenvolvimento infantil.

Além disso, o suporte da equipe de saúde foi apontado como fator central para enfrentar as dificuldades, especialmente quando marcado por acolhimento, comunicação clara e incentivo à participação no cuidado. De acordo com Lima, Melo Siqueira e Ventura (2022) estratégias de comunicação empática e orientação adequada podem tornar a experiência menos traumática, fortalecendo vínculos e confiança paterna.

Assim, reforça-se a importância de aprofundar pesquisas centradas na experiência paterna considerando suas crenças, vivências e contexto sociocultural, de modo a subsidiar práticas assistenciais que favoreçam a participação efetiva dos pais e promovam vínculos afetivos sólidos e cuidados adequados.

4. CONCLUSÕES

O estudo evidenciou que os pais vivenciaram a hospitalização do bebê na UTIN de forma ambivalente, marcada por sentimentos de medo, angústia e impotência, mas também pela possibilidade de exercer a paternidade e fortalecer vínculos afetivos. O apoio da equipe de saúde por meio de acolhimento, comunicação clara e incentivo à participação no cuidado, mostrou-se fundamental para promover confiança e desenvolver habilidades paternas. Assim, conhecer e valorizar a experiência paterna contribui não apenas para a produção científica, mas também para práticas assistenciais mais inclusivas, capazes de favorecer a participação ativa dos pais no cuidado neonatal e infantil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, G.A; FRANCISCO, N.F.X; CASTRO, R.B.C. Participação paterna na unidade de terapia intensiva neonatal segundo a concepção da equipe de enfermagem. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, v.10, n.2, p.225-232, 2021. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i2.3815>.

AGUIAR, L.C de *et al.* Utilização do cuidado popular por egressos de unidade de terapia intensiva neonatal. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, 2022. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO02187>.

AQUINO, G.S de *et al.* A percepção dos homens sobre a parentalidade paterna e a promoção do desenvolvimento infantil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, p. e20230514, 2024. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0514pt>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018a. 28p.

BRAUN, V; CLARKE, V; HAYFIELD, N; TERRY, G. **Thematic analysis**. In: Liamputtong P. (eds) Handbook of Research Methods in Health Social Sciences. Springer, Singapore. P. 843-860, 2019.

BROCCHI, B.S. **Importância da parentalidade para o desenvolvimento infantil**. Editora CRV, 2022.

CARVALHO, C.F.S et al. O companheiro como acompanhante no processo de parturição. **Revista Rene**, v.16, n.4, p.613-21, 2015.
<https://doi.org/10.15253/2175-6783.2015000400019>.

FETZNER, S.G; MACHADO, M.S; PEREIRA, C.R.R. Experiências paternas em unidade de terapia intensiva neonatal. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 13, n. 4, p. 107-121, 2021. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i4.1318>.

LEININGER. M. **Care the essence of nursing and health**. Detroit: Wayne State University Press, 1988.

LIMA, M.F de; SIQUEIRA, R.M de; VENTURA, C.M.U. Uti neonatal: percepção dos pais sobre o internamento e os cuidados da equipe de enfermagem. **Revista Gestão e Conhecimento**, v. 16, n. 2, p. 692-705, 2022.
<https://doi.org/10.55908/RGCV16N2-011>.

MATHIOLLI, C et al. Cuidado ao filho pré-termo no domicílio: vivências paternas. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, 2020.
<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0033>.

MELO, M.G.S et al. O cuidado ao bebê e a construção da parentalidade: o pai em foco. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. e32911595-e32911595, 2020. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1595>.

RESTA DAL-ROSSO, G et al. Experiências narradas por homens no exercício da paternidade: rompendo paradigmas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 9, n. 1, 2019. <https://doi.org/10.5902/2179769228653>.

SANTANA BATISTA, J. S et al. O papel paterno durante o primeiro ano de vida do bebê: revisão integrativa. **Nursing Edição Brasileira**, v. 24, n. 283, p. 6832-6845, 2021. <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i283p6832-6845>.

SILVA, C.G da et al. Cuidados com o recém-nascido prematuro após a alta hospitalar: investigação das demandas familiares. **Saúde e Pesquisa**, v. 14, n. 2, p. 289-297, 2021. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2021v14n2e9035>.

VERÇOSA, R. C. M et al. Percepções das mães com filhos internados em unidade de terapia intensiva neonatal. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção Saúde**, p. 1-7, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/24465682.20210013>.